

DEPÓSITO LEGAL

-O. NOV. 1976



o jornal

Ano II N.º 79
De 29 de Outubro
a 4 de Novembro de 1976
Preço 10\$00
Semanário
Sai às sextas-feiras
Director
Joaquim Letria

Mário Soares vai dizer ao Congresso

PS será governo durante quatro anos

págs. 16/18



Otelo na prisão, polémica na rua

pág. 8

Este fim-de-semana, em Leiria

Sá Carneiro reparte poderes no PPD/PSD

págs. 16/17



Este homem anda a jogar com a morte de Delgado

pág. 10

13.º mês pago em cautelas

Preços sobem mais alto do que salários

pág. 32

collecção TEMPO ABERTO

PUBLICADO:
V. GORDON CHILDE
PARA UMA RECUPERAÇÃO DO PASSADO

A PUBLICAR:
J. PRADO COELHO
AO CONTRÁRIO DE PENÉLOPE
LUCIEN FEBVRE
MARTINHO LUTERO,
UM DESTINO

edição
LIVRARIA BERTRAND

“Acuso!”: 350 páginas que mostram como a Pide não foi extinta a sério

Afonso Praça

«Se o processo de extinção da Pide tivesse sido feito a sério, o sr. Henrique Cerqueira estaria provavelmente na cadeia» — assinala o secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre, num depoimento feito a «O Jornal», a propósito da publicação recente do livro «Acuso!», da autoria de Henrique Cerqueira.



Henrique Cerqueira
Escrever por linhas da direita uma «história» torta...

A verdade, porém, é que o processo de extinção da Pide não foi feito a sério e, como diz Manuel Alegre, H. Cerqueira «pode continuar a desempenhar o papel que lhe atribuíram desde o início: o de tentar ilibar a Pide, caluniando figuras impolutas da Oposição Democrática e da resistência antifascista». O livro citado insere-se nitidamente, naquela tentativa e o próprio arranjo gráfico da capa o apresenta como tal: as palavras «Acuso! Soares, Cunhal, Emídio Guerreiro, Lopes Cardoso na morte de Humberto Delgado» jogam com fotografias destes conhecidos antifascistas e, ainda, com as de Manuel Alegre e Tito de Morais.

O lançamento do livro constituiu um autêntico escândalo que encontrou a sua «bola de saída» nos matutinos «O Dia» e «O Século», onde desencadeou crises de que damos notícias nesta mesma página. E não há dúvida que é impossível prever ainda todas as consequências deste escândalo, até porque atinge figuras destacadas da resistência antifascista, nomeadamente a do Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares.

O leitor que, porventura, tenha visto o livro num escaparate de livraria ou tenha lido a «notícia» publicada nos matutinos «O Dia» e «O Século», ficou, possivelmente, convencido de que estava ali a verdade sobre a morte de Humberto Delgado, assassinado pela Pide. Mas diga-se desde já que o livro (350 páginas, incluindo uma nota do editor e uma introdução do autor) é uma sucessão de «documentos» de cuja autenticidade o leitor terá todo o direito de duvidar, até porque o nome de Henrique dos Santos Pina Cerqueira surge com um passadinho cheio de pontos escuros, onde de vamos encontrar ligações altamente comprometedoras, de que podem apontar-se como exemplo as tidas com Mário de Carvalho, «colaborador da PIDE/DGS», com o recorde de Piteira Santos no editorial do «Diário de Lisboa» de ontem, e «principal obreiro da armadilha que afrau o general à cadeia de Badajoz», segundo afirmação de Manuel Alegre.

Por outro lado, deve dizer-se ainda que, mesmo que fossem autênticos, os «documentos» não fornecem uma ideia minimamente clara (longe disso...) da maneira como estão ligados os elos da cadeia que o autor se propõe destrinçar, nem o título está justificado na obra, embora se anuncie mais dois volumes, «a publicar brevemente».

O livro (editado pela Editorial Intervenção, Lda. do dr. Paradelo de Abreu, também editor de livros de Alpoim Calvão e Jorge Jardim...) foi lançado no Porto, durante uma conferência de imprensa rodeada de notícias medidas de segurança (feita por indivíduos de conhecidas ligações a forças da extrema-direita da região de Braga) e na qual só participaram jornalistas convidados. De resto, o livro tem a sua história muito ligada ao Norte, uma vez que foi impresso em Braga.

Objectivo:
ilibar a Pide

Fundamentalmente, o livro de Henrique Cerqueira é um li-

vro que pretende ilibar a Pide do assassínio de Humberto Delgado, acusando (caluniando) figuras destacadas da resistência antifascista — nomeadamente o Primeiro-Ministro, Mário Soares, o ministro Lopes Cardoso, os secretários de Estado Tito de Morais e Manuel Alegre, o secretário-geral do PC, Álvaro Cunhal, o prof. Emídio Guerreiro e o dr. Fernando Abranches-Ferrão, além de outros.

Mas não restam dúvidas de que o principal visado é Mário Soares e, muito provavelmente, o seu Governo a uma semana do congresso do PS e a mês e meio das eleições para as autarquias. Logo a seguir ao «25 de Abril» (em 3 de Maio de 1974, concretamente), o mesmo Henrique Cerqueira enviou ao ex-general António de Spínola um telegrama do teor seguinte: «Excelência Mário Soares tem graves responsabilidades caso geral Delgado não devendo participar novo Governo Português por consequências óbvias Ponto A disposição VEXA. A6 a) Henrique Cerqueira, Leticia 508, Cajamarca, Peru».

Os ataques crescem agora e o seu objectivo descobre-se logo na nota do editor onde se lê que «o autor pretende purificar a Democracia libertando-a dos que dela se servem para abrir caminho aos capazes de a servir». Vejamos, porém, um pouco mais longe.

Na primeira parte da sua nota, Paradelo de Abreu evoca o caso Watergate, o caso do secretário privado de Willy Brandt que era, afinal, espião soviético, o escândalo Lockheed — para concluir que, tanto nos EUA como na RFA e na Holanda, a denúncia de casos como aqueles teve como consequência o reforço e o prestígio da democracia, e para recordar que «Nixon abandonou o Poder e a política», Willy Brandt demitiu-se e o príncipe Bernardo, marido da Rainha, se demitiu «de todas as funções públicas».

«Meditando serenamente em todos estes casos que agitaram a opinião pública internacional, decidi editar e fazer distribuir por todo o país este livro de Henrique Cerqueira» — assinala Paradelo de Abreu que acrescenta: «Como editor e como cidadão penso estar a contribuir para a consolidação da jovem democracia portuguesa». Evidentemente que não se esquece de referir que «o autor não pretende atacar qualquer partido e muito menos o Partido Socialista», mas na contapça, esta afirmação tem outra leitura. Numa fotografia do funeral do general Humberto Delgado, vê-se Mário Soares entre os demócratas que conduzem a urna. O «grafista» colocou-lhe um círculo à volta da cabeça, para o destacar, e ao lado sobrepôs estas palavras: «Só estaremos no Governo, enquanto merecermos a confiança do Povo português» (Mário Soares).

Postas todas estas permissas, a conclusão parece ser clara e não restarão dúvidas a ninguém de que trazer à colação os casos de Nixon, de Brandt e do Príncipe Bernardo da Holanda nada tem a ver com a defesa da jovem democracia portuguesa. Mas assinala-se ainda que o terceiro volume, anunciado, tem um título elucidativo: «Portugal de-

samordado e radiografia de um crápula».

Três notas deram uma charanga

Entretanto, Manuel Alegre anunciou que vai processar Henrique Cerqueira, para o que constituiu já como advogado o dr. Daniel Prouença de Carvalho. A mesma intenção foi afirmada pelo eng.º Tito de Morais que será patrocinado pelo dr. Roque Lino.

Mário Soares, por seu turno, poderá constituir advogado o dr. Abranches-Ferrão, enquanto o advogado de Lopes Cardoso deverá ser seu irmão, o dr. Álvaro Lopes Cardoso.

Por outro lado, e segundo declarações feitas no Porto, Henrique Cerqueira prometeu processar Mário Soares e o dr. Prouença de Carvalho.

E enquanto o escândalo se alarga, com uma publicidade que o livro não justifica, «O Jornal» procurou junto de alguns dos acusados recolher depoimentos.

O Primeiro-Ministro Mário Soares, absorvido com a preparação do congresso do PS, não pôde fazer declarações. Através de um seu porta-voz, assinalou no entanto que o caso é assunto para os tribunais, Manuel Alegre por sua vez, enviou-nos um depoimento do qual destacamos ainda estas palavras: «O aparecimento do livro não deve ser encarado como um acto fortuito. Trata-se de uma nova provocação, integrada nas manobras das forças da extrema-direita, as mesmas que assassinaram o general Humberto Delgado e sempre perseguiram e caluniaram as pessoas visadas no livro de Henrique Cerqueira. Um livro cuja publicação vem, afinal, mostrar que a Pide continua à solta, que o crime de Badajoz continua impune e que as forças fascistas continuam a poder manobrar com demasiado à-vontade».

O dr. Abranches-Ferrão considerou o livro «uma fantasia que toca as raízes do psiquiátrico». Acrescentando que teve sempre desconfianças de ligação de H. Cerqueira com a Pide, embora não disponha de factos concretos, assinalou: «Ouviu três notas e depois compôs uma charanga». Abranches-Ferrão aludiu ainda ao facto de Henrique Cerqueira não ter atacado uma única vez o PC quando, em Novembro de 1975, falou na Emissora Nacional, devendo recordar-se que a sua vinda a Portugal, na altura, teria sido feita a convite da extinta 5.ª Divisão. Quanto ao editor: «Supu-

nha que o Paradelo de Abreu fosse um editor de mais categoria. Este livro está para um relato verdadeiro como um livro pornográfico está para um romance sério».

No depoimento do Serviço de Informação e Propaganda do Comité Central do PCP para «O Jornal» refere-se o passado suspenso do indivíduo em questão e a actividade de provocação que marcou o seu reaparecimento na vida pública e assinala-se que, em Outubro de 1975, o partido recusou «um pedido de audiência apresentado pelo tal indivíduo e alertou os seus militantes no sector da Informação para a necessidade de manterem uma atitude de vigilância em relação a eventuais contactos por parte de um indivíduo que não merece qualquer espécie de credibilidade».

O PCP, afirma ainda que «continua hoje a manifestar a sua estranheza pelo facto de tal indivíduo, cujas actividades levantaram em tempos legítimas suspeitas, continuar a ter audiência nos meios de comunicação social» e acrescenta que «tais declarações constituem uma manifesta provocação com a qual pretenderá o seu autor encobrir as suas convicções com os responsáveis pela preparação do assassinato do general Humberto Delgado».

Assinala ainda o depoimento do PCP: «Este caso, talvez por ter atingido também a figura do Primeiro-Ministro, teve repercussões imediatas. No entanto, diariamente e com a maior impunidade, esta mesma imprensa calunia destacadas figuras de democratas civis e militares, insulta os trabalhadores portugueses e as suas realizações e envol-

ve-se em conspirações para liquidar as suas conquistas».

Altamente especulativa

Para o eng.º António Brotas, «o livro é altamente especulativo» e «não é sob o estímulo altamente perturbador deste livro que se poderá chegar à questão de fundo que é um esclarecimento sereno e calmo do que se passou em Argel».

Por sua vez, Adolfo Ayala que foi secretário de Humberto Delgado em Argel, referiu que, numa primeira e apressada leitura, encontrou muitos exageros, acentuando: «A responsabilidade moral da ida do general a Badajoz partiu das pessoas que estavam em Argel. Se elas não insistissem, ele não tinha ido».

Por último, a dra. Alcina Bastos, advogada, colaboradora de Humberto Delgado na campanha de 1958, fez questão em manifestar a sua indignação pela forma como certa imprensa especulou sobre o assunto e acentuou que «o livro pretende ilibar de responsabilidades os seus autores lançando a confusão e dúvidas sobre personalidades do Governo e figuras políticas de destaque com a intenção de criar um clima de desestabilização, no momento em que se vão realizar os congressos dos partidos de esquerda e as eleições para as autarquias».

Caso Cerqueira agita «O Dia» e «O Século»

Notícias sobre a publicação de «Acuso!», o polémico livro de Henrique Cerqueira, provocaram, durante a semana, sérias perturbações em dois matutinos lisboetas, as quais se saldaram, para já, na saída do nome de Vitorino Nemésio do cabeçalho de «O Dia», enquanto uma certa «tempestade» em «O Século» acabou por ser amainada com um recuo da administração, que convidara o director-adjunto do jornal, dr. Manuel Magro, a demitir-se.

A demissão de Nemésio seguiu-se à publicação, na primeira página de «O Dia» de um artigo assinado pelo subdirector, Carlos Pina, em que se comentava o próprio fundo do director, publicado na mesma edição.

No seu artigo, o prof. Vitorino Nemésio, que conta 75 anos, afirmava não ter tomado prévio conhecimento da notícia, publicada no sábado,

dia 23, dando conta das graves acusações de Cerqueira a diversas figuras da esquerda portuguesa, tais como Mário Soares, Álvaro Cunhal, Lopes Cardoso, Manuel Alegre e Emídio Guerreiro, tecia considerações acerca do destaque que lhe fora dado, com chamada a três colunas, na primeira página, e concluiu, propondo que se encerrassem «o passageiro episódio deste registo bibliográfico, em si legítimo».

Carlos Pina, por seu turno, em artigo intitulado «O jornalista perante o homem de letras», afirmava não poder, «sem mágoa», quedar-se no lugar de «réu inconsciente», a que, no seu entender, o prof. Vitorino Nemésio quisera «alcandorá-lo». Quanto à Redacção do jornal, decidiu apoiar o subdirector. Tudo junto, provocou aquilo que, em meias da Imprensa, se considerava inevitável: Nemésio apresentou a demissão.

Mais tarde, em declarações prestadas à agência Anop, o ex-director de «O Dia» revelava ter começado há algum tempo a discordar com a linha que o jornal foi tomando, «sobretudo com a maneira sensacionalista e pouco escrupulosa como os assuntos eram tratados, fornecendo ao jornal uma imagem direitista que não estava na intenção da direcção». E Vitorino Nemésio acrescentava: «O jornal apresentou o autor do livro como se fosse uma pessoa digna de crédito e eu não podia deixar de discordar do subdirector, Carlos Pina, que foi quem tomou a iniciativa de dar relevo ao lançamento e que se procura justificar no artigo que publicou».

Quanto ao incidente em «O Século» foi sanado quando a Redacção se opôs à auto-demissão do director-adjunto, dr. Manuel Magro, proposta ao próprio pela administração, tendo esta recusado nas suas intenções.

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO

ISLA

Escola Superior de Organização Científica do Trabalho

CURSOS DE:

Gestão de Empresas

Gestão de Recursos Humanos

Escola Superior de Tradutores e Intérpretes

Escola Superior de Secretariado

Escola Portuguesa de Turismo

Tradutores Especializados e Intérpretes

Secretárias Correspondentes e de Administração

Guias e Técnicos

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Rua do Sacramento a Lapa, 16. Telef. 60 63 95 - 67 37 66